

## A ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL POR SUAS CORDAS: COMPOSIÇÃO E PROCESSO DE SELEÇÃO

Raul Martinho Sá d'Oliveira

UNIRIO – PPGM

Mestrado – Musicologia

*SIMPOM: Subárea de Musicologia*

**Resumo:** Esta comunicação é parte da pesquisa de mestrado em andamento, sobre a história e gravações da Orquestra Sinfônica Nacional (OSN) na Rádio MEC (RMEC), entre 1961 e 1964. Primeira e única orquestra federal e profissional do Brasil, a OSN foi criada em 1961, através de decreto do então presidente Juscelino Kubitschek, com a missão institucional de difusão da música brasileira de concerto. Lotada na RMEC e destinada a ocupar uma posição de destaque no cenário da música de concerto nacional na década de 60, a OSN foi cuidadosamente composta por músicos renomados, oriundos das principais orquestras sinfônicas cariocas. Usando como guia o texto institucional presente no programa de estréia da OSN (Miranda, 1961), pretende-se examinar a estrutura e composição da orquestra a partir do levantamento dos quadros de músicos da Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional, Orquestra Sinfônica Brasileira e Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em confronto com a primeira formação da OSN. Dados percentuais também são apresentados ao longo do artigo. A leitura crítica dos testemunhos, proposta por Marc Bloch (2001), é utilizada como ferramenta básica para entendimento do processo de seleção dos músicos. Ao concentrar o foco nos instrumentistas de cordas – núcleo principal de uma sinfônica – e se apropriando do conceito de *habitus* inerente à teoria de Pierre Bourdieu (1983), a presente comunicação conclui que, em sua maioria, os músicos eram pré-dotados de qualidades fundamentais para desempenharem suas funções com êxito. Logo, gerando condições favoráveis para a afirmação da Sinfônica Nacional como instituição de relevo no campo da música de concerto brasileira.

**Palavras-chave:** Sinfônica Nacional; Rádio MEC; Músicos; Cordas; Habitus.

### The National Symphonic Orchestra by their strings: composition and selection of the musicians

**Abstract:** This paper is part of an ongoing masters degree research on the history and the recordings of the National Symphonic Orchestra (NSO) of Radio MEC (RMEC), between 1961 and 1964. First and only professional Brazilian orchestra, sponsored by the Federal Government, the NSO was created in 1961 by decree of President Juscelino Kubitschek with the institutional mission of disseminating Brazilian classical music. Placed at RMEC and intended to take a leading position in the classical music national scene during the 1960 decade, the NSO was carefully formed by renowned musicians from the main Rio de Janeiro symphonic orchestras. Using as guideline the official text of the NSO opening program (Miranda, 1961), the present research intends to examine the orchestra's structure and composition by means of identifying the staff of musicians from the National Radio Symphonic Orchestra, the Brazilian Symphonic Orchestra and the Rio de Janeiro Municipal Theater Symphonic Orchestra, in opposition to NSO first formation. Percentage figures are also presented during the article. The critical review of the testimonies, proposed by Marc Bloch (2001), is used as a basic means to understand the selection of the musicians. By focusing on the string instrumentalists – main core of an orchestra – and by adopting the concept of *habitus* basic to the theory of Pierre Bourdieu (1983), this paper concludes that

most of the musicians were already skilled with fundamental qualities to perform their functions successfully. Thus, engendering favorable conditions to the consolidation of the NSO as an important institution in the field of Brazilian classical music.

**Keywords:** National Symphonic; Radio MEC; Musicians; Strings; Habitus.

A ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL surge no cenário artístico do país como **resultado das aspirações comuns da classe musical e da Direção da Rádio Ministério da Educação [RMEC]**, acrescentando-se agora como uma nova e importante unidade artística a serviço da nossa cultura (...) <sup>1</sup>.

Foi com estas palavras que o diretor Murilo Miranda anunciou oficialmente o surgimento do mais novo conjunto sinfônico brasileiro. Celebrada como um verdadeiro acontecimento, ansiada pela classe musical brasileira, a OSN estréia no dia 19 de outubro de 1961, em meio às festividades do Jubileu de Prata da RMEC. Para Miranda, “sem dúvida, um dos pontos altos das comemorações<sup>2</sup>”. Ainda segundo o diretor,

(...) empenhada em assegurar o melhor nível artístico ao conjunto [OSN], dedicou-se a Direção da Rádio MEC à (sic) tarefa de promover a seleção dos **melhores profissionais do país, credenciados pela longa prática nos mais importantes conjuntos sinfônicos nacionais e estrangeiros** e por sua capacidade técnica e artística sobejamente comprovada.

Assim constituída, contando em suas fileiras com instrumentistas de escol (sic), encontra-se a OSN equipada para cumprir a missão cultural que lhe está reservada e cujas diretrizes são traçadas por um Conselho Artístico integrado por figuras de destaque do nosso meio musical.

A OSN, mais do que um novo conjunto sinfônico, representa ainda um testemunho de trabalho profícuo das várias orquestras sinfônicas do país, sobremaneira a **Orquestra Sinfônica Brasileira, a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal [RJ], a Orquestra Sinfônica da Rádio Nacional** e a Orquestra do Teatro Municipal de São Paulo e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, **representadas na OSN pela presença auspiciosa de muitos de seus mais destacados integrantes do presente ou do passado**<sup>3</sup>.

Dessa forma, para verificar a validade da propaganda realizada por Miranda em favor da OSN, cumpre recuar alguns meses no tempo para investigar a composição da orquestra, com foco na estrutura e processo de seleção dos músicos.

Aos 12 de janeiro de 1961, Juscelino Kubitschek assinava seu último decreto-presidencial<sup>4</sup>, criando a Orquestra Sinfônica Nacional. Segundo tal documento a OSN,

<sup>1</sup> Miranda, 1961, p. 3. Grifo meu.

<sup>2</sup> Ibidem.

<sup>3</sup> Ibidem. Grifos meus.

<sup>4</sup> BRASIL. Diário Oficial da União. Lei nº 49.913 de 12 de janeiro de 1961. Disponível em <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=113193>> Acesso em: 10 Jun.2012.

“componente da Campanha Nacional de Radiodifusão Educativa<sup>5</sup>”, ratificando os princípios definidos pela mesma, “terá como finalidade precípua cultivar e difundir a música sinfônica do país<sup>6</sup>”.

Primeira e única orquestra federal e profissional do Brasil, a OSN nasce, portanto, com a missão específica de fomentar a produção sinfônica brasileira. Quanto à estrutura do conjunto, o decreto determina em seu artigo 3º que

A O.S.N. será organizada de acordo com os seguintes preceitos:

- a) será constituída de **noventa profissionais**, admitidos como contratados;
- b) para o efeito da fixação de salários, seus integrantes serão classificados em **categorias instrumentais** (grifos meus).

De acordo com o *Oxford Dictionary of Music*, a

orquestra sinfônica é composta (geralmente) por mais de **90 músicos**, capazes de executar obras elaboradas (...). Ao longo dos séculos a orquestra mudou e se desenvolveu, e atualmente a versão estandardizada compreende instrumentos de **cordas, sopros de madeira, metais e percussões**<sup>7</sup>.

Portanto, a OSN seguiria o padrão das orquestras sinfônicas modernas, organizando seus noventa músicos através de categorias instrumentais, como estabelecido na alínea *b* do artigo 3º. Na presente comunicação não será possível abranger todas as quatro categorias, aqui denominadas *famílias*. Sendo assim, optou-se por privilegiar a família mais representativa da orquestra, aquela que ocupa mais da metade das cadeiras, e da qual fazem parte os violinos, violas, violoncelos e contrabaixos: as *cordas*.

Em janeiro de 1961, pouco antes de deixar a direção da RMEC, Mozart de Araújo<sup>8</sup> declarou ao *Correio da Manhã* que “a qualidade artística da OSN parece estar assegurada pela rigorosa seleção de músicos que o decreto impõe para o ingresso dos professores no grupo<sup>9</sup>”. Entretanto, no texto do decreto não há qualquer menção à forma como deveriam ser realizadas as provas ou critérios de seleção.

Na busca pelo entendimento de como foi organizado o processo de seleção dos músicos, depoimentos podem indicar pistas valiosas. De acordo com o compositor Edino Krieger, maestro-assistente da OSN em 1961,

<sup>5</sup> Idem, artigo 2º.

<sup>6</sup> Ibidem.

<sup>7</sup> Orchestra. In: [s.a.]. *The Oxford Dictionary of Music*. Disponível em Oxford Music Online <[http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/opr/t237/e7507?q=orchestra&search=quick&pos=2&\\_st art=1#firsthit](http://www.oxfordmusiconline.com/subscriber/article/opr/t237/e7507?q=orchestra&search=quick&pos=2&_st art=1#firsthit)> Acesso em: 23 mai. 2012. Tradução e grifos meus.

<sup>8</sup> Diretor da RMEC entre 11/07/58 e 20/02/61 (Milanez, 2007:224).

<sup>9</sup> França, 22 jan. 1961, p. 3.

para efeito de formalização dos novos músicos, inclusive os oriundos da Rádio Nacional [RN], foram feitas audições pra compor a nova orquestra. Os principais músicos do Teatro [Municipal] e OSB [Orquestra Sinfônica Brasileira] foram dispensados de provas<sup>10</sup>.

Da mesma maneira, Alceo Bocchino, principal maestro da OSN em seus vinte primeiros anos, relembra:

Fizemos uma seleção entre aqueles que vieram da RN, um grupo pequeno e irregular – muitos trompetes e trombones, e **pouquíssimos violinos**. E completamos a OSN com os melhores músicos das congêneres<sup>11</sup>.

Para o contrabaixista e fundador da orquestra, Sandrino Santoro,

a OSN foi criada com músicos que vinham da Rádio Nacional e depois teve um concurso, do qual eu participei e fui aprovado, graças a Deus. Eu acredito que não teve avaliação para algumas pessoas, até porque músicos como Peter Dauelsberg, Nanny<sup>12</sup> [violoncelistas], meus colegas Agostino Paglia, Renato Sbragia [contrabaixistas] já tinham nome como grandes artistas e não devem ter precisado fazer provas<sup>13</sup>.

Portanto, a leitura dos depoimentos acima sugere que o processo de seleção da OSN aconteceu em três etapas distintas. Na primeira etapa foram avaliados os músicos oriundos da RN<sup>14</sup>. Em seguida foram convidados os instrumentistas mais destacados do Rio de Janeiro, ou seja, músicos que já atuavam nos conjuntos de câmara da RMEC e os principais solistas das duas maiores orquestras da cidade: OSB e OSTM. Na terceira etapa, foram realizadas provas, abertas aos músicos em geral, para preencher as vagas ainda ociosas<sup>15</sup>. Essa ordenação foi estabelecida para melhor organização do processo, não significando que tenha ocorrido nessa sequência cronológica. Muito provavelmente as etapas se alternaram de acordo com as particularidades de seleção de cada instrumento.

Começando pela avaliação dos músicos que vieram da RN, nota-se que os depoimentos de Bocchino e Krieger se assemelham ao lembrarem que a relação desses músicos era tão numerosa quanto heterogênea, com muitos trompetes e trombones e pouquíssimos violinos e cordas em geral<sup>16</sup>. Sabe-se que a similitude dos testemunhos pode ser

---

<sup>10</sup> Krieger, 2011.

<sup>11</sup> Bocchino, 1998, grifo meu.

<sup>12</sup> Apelido de Ana Devos.

<sup>13</sup> Santoro, 2011.

<sup>14</sup> Devido à Lei 2.193, de 9 de março de 1954, funcionários das Empresas Incorporadas da União (incluindo os músicos da RN), puderam optar pelo serviço público federal, sendo transferidos, em 1961, para a RMEC e, conseqüentemente, deixando a RN.

<sup>15</sup> Conforme narrado por Santoro, que na época ainda não fazia parte de nenhuma das principais orquestras sinfônicas do RJ.

<sup>16</sup> Bocchino, 1998 e Krieger, 2003.

um forte indício da autenticidade dos mesmos<sup>17</sup>. Entretanto, a passagem da lembrança através das gerações, deve sempre ser confrontada. A análise dos dados levantados para essa pesquisa<sup>18</sup> reafirma o estado de alerta “no sentido de não aceitar cegamente todos os testemunhos históricos<sup>19</sup>”. De acordo com a tabela 2, dos 29 violinistas da OSN, 16 pertenciam a RN, ou seja, mais de 50% do naipe, diferentemente dos *pouquíssimos violinos* fixados pelas memórias. Em relação à totalidade das cordas (violinos, violas, violoncelos e contrabaixos), a proporção se mantém próxima: 44% vieram da RN.

**Tabela 1. Percentual de músicos oriundos da OSRN na família das cordas.**

<b>Naípe</b>	<b>OSN</b>	<b>OSRN</b>	<b>Percentual</b>
Violinos	29	16	55,17%
Violas	10	4	40%
Violoncelos	9	2	22,2%
Contrabaixos	8	3	37,5%
<b>Total</b>	<b>56</b>	<b>25</b>	<b>44,64%</b>

Logo, a partir da hipótese de que os exames de seleção primaram pelo rigor na busca dos melhores profissionais disponíveis no meio musical de então, conclui-se que a OSRN contava, em sua maioria, com instrumentistas de alto nível, capazes de atender às expectativas da banca mais exigente. De acordo com Bocchino,

a banca examinadora era composta pelo Mignone, Eleazar, eu, Edino Krieger e Marina Moura, representante do diretor. Os testes tinham livre escolha e leitura – escritas pelo Mignone e por mim. Escrevi para trompa e violino, uma cadência que depois aproveitei em uma composição minha<sup>20</sup>.

Para ilustrar a qualidade dos avaliadores, situando a posição no campo de cada um dos seus componentes, basta dizer que Francisco Mignone (1897-1986) era professor de

<sup>17</sup> Bloch, 2001, p. 107.

<sup>18</sup> A partir daqui, todos os dados apresentados são resultado do confronto das seguintes fontes: programa original do concerto de estréia da OSN (19 de out. 1961. Acervo pessoal do contrabaixista Sandrino Santoro); programa de concerto da OSTM (1962. Acervo pessoal do clarinetista José Botelho); coleção de programas da OSB (1960/1961. Acervo Fundação Orquestra Sinfônica Brasileira); listagem intitulada *Alguns dos nomes que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional* (Pinheiro, 2005:178-225); artigo: *A Rádio MEC como Centro Difusor da Música de Concerto no Brasil* (Azevedo, 2000); encarte do Cd *Repertório Rádio MEC III* (Acervo pessoal do autor); livro *Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro: História & Arquitetura* (De Paola & Gonzalez, 1998) e depoimentos coletados ao longo da pesquisa.

<sup>19</sup> Bloch, 2001, p. 89.

<sup>20</sup> Bocchino, 1998.

regência da Escola Nacional de Música da então Universidade do Brasil, e um dos principais compositores da segunda geração nacionalista. Para Vasco Mariz “Mignone foi talvez o músico mais completo que possuímos. Compositor de primeira plana, excelente professor, experimentado regente, *virtuoso* do piano, acompanhador insuperável, hábil orquestrador, notável intérprete de música de câmara<sup>21</sup> (...)”. Eleazar de Carvalho (1912-1996) era o maestro titular da OSB e já desenvolvia intensa carreira internacional, realizando freqüentes *tournées* pela Europa e EUA<sup>22</sup>. Alceu Bocchino (1918), além de pianista destacado por suas atuações com o Trio da RMEC, era maestro assistente da OSB e constantemente regia a Orquestra de Câmara da Rádio MEC (OCRMEC). Completando a banca, o compositor Edino Krieger (1928), crítico musical e um dos principais redatores da RMEC. É provável que alguns instrumentistas da RMEC tenham participado da banca de acordo com o instrumento em questão, porém a pesquisa não encontrou registros sobre quem seriam esses músicos, e os depoimentos também não os revelaram.

É importante dizer que, à exceção dos músicos da RN que, por opção, eram servidores públicos, os demais instrumentistas seriam admitidos como contratados<sup>23</sup>, não havendo a obrigatoriedade de um concurso público. Logo, a direção da Rádio teria a liberdade para realizar convites e dispensar alguns músicos do processo de seleção.

Então, definido o primeiro núcleo da OSN, formado pelos músicos provenientes da RN selecionados pela banca, o próximo passo seria, naturalmente, convidar os músicos que já integravam os conjuntos da RMEC, começando pela Orquestra de Câmara. Criada em 1957, a OCRMEC pode ser considerada a precursora da Sinfônica Nacional, em relação à filosofia de escolha do repertório. De acordo com texto institucional de 1958, divulgado pela Rádio, a Orquestra de Câmara tinha por hábito apresentar,

(...) ao lado das obras mestras do repertório clássico universal, inúmeras **primeiras audições de autores antigos e modernos do Brasil** e de outros países. Constitui ainda uma de suas **finalidades precípuas propiciar o aparecimento de novas obras de autores nacionais**, de modo a enriquecer o repertório brasileiro de música para orquestra de câmara – gênero ainda pouco explorado por nossos compositores<sup>24</sup>.

Ou seja, o comprometimento com a difusão da música brasileira, princípio básico da OSN, era prática comum na RMEC, principalmente através da sua orquestra de câmara.

<sup>21</sup> Mariz, 2005, p. 229.

<sup>22</sup> França, 15 jan. 1961, p. 3.

<sup>23</sup> Idem, artigo 4º.

<sup>24</sup> *Orquestra de Câmara da Rádio Ministério da Educação*. História da Rádio MEC, Pasta I. Rio de Janeiro: Setor de Pesquisa. Rádio MEC, 1958. Grifos meus.

A OCRMEC era essencialmente uma orquestra de cordas, formada por onze músicos especialmente escolhidos. Como um quarteto de cordas<sup>25</sup> ampliado, a orquestra era composta por seis violinos, duas violas, dois violoncelos e um contrabaixo. Dos onze componentes da OCRMEC nove estão na primeira formação da OSN<sup>26</sup>. Desses, se destacam: Marcelo Pompeu, violinista, membro do Quarteto de Cordas da RMEC, da OSTM e da OSRN; Arlindo Penteadó, violista, concertino da OSB; Peter Dauelsberg, violoncelista, também membro do Quarteto de Cordas da RMEC e solista da OSB; Giorgio Bariola, violoncelista, concertino da OSB; e Renato Sbragia, contrabaixista, solista da OSTM.

Além deles, o spalla da OCRMEC, Gian Carlo Pareschi, também concertino dos primeiros violinos da OSB, veio a ingressar na OSN posteriormente, entre 1962 e 1963. Em suma, todos os naipes da Orquestra de Câmara possuíam músicos renomados, assegurando o alto nível artístico do conjunto.

Finalizando a pesquisa dos músicos pertencentes aos conjuntos de câmara da RMEC, a OSN foi reforçada ainda por dois instrumentistas que dispensam comentários: Anselmo Zlatopolsky, violinista do Trio da RMEC<sup>27</sup> e spalla da OSB e o violista Gèza Kiszely, diretor do Collegium Musicum<sup>28</sup> da RMEC e solista da OSTM.

Entretanto, no universo de uma orquestra sinfônica, onze excelentes solistas de cordas representavam apenas 20% dessa numerosa família. Sabe-se que já haviam sido selecionados 25 músicos oriundos da RN, significando 44,64% do total de cordas da OSN. E dentre esses músicos, alguns são dignos de realce, em virtude das posições ocupadas nas demais orquestras e conjuntos de câmara cariocas. São eles: Célio Nogueira, violinista, membro do Trio da RN<sup>29</sup> e da OSB; Eduardo Patané, violinista, maestro e arranjador, regente da Orquestra de Tangos da RN; Germano Lucano, violista, solista da OSB e Pedro Vidal, contrabaixista, membro do Sexteto de Radamés Gnattali e da OSB.

Logo, visando sempre a excelência artística da OSN, o processo deveria seguir com convites aos principais solistas da OSB e OSTM. Da OSB vieram: Jorge Faini, violinista, concertino dos segundos violinos; Jeremias Waschitz, violista, solista dos segundos

---

<sup>25</sup> Dois violinos, uma viola e um violoncelo.

<sup>26</sup> Apenas dois violinistas - Alberto Jaffé e Salomão Rabinovitz - não integraram a OSN.

<sup>27</sup> Ao lado de Alceo Bocchino – piano e Iberê Gomes Grosso.

<sup>28</sup> Conjunto de música antiga da Rádio.

<sup>29</sup> Com Radamés Gnattali – piano e Iberê Gomes Grosso – violoncelista, que mais tarde formaria o Trio da RMEC.

violinos<sup>30</sup>; Ana Devos, violoncelista, concertino; Agostino Paglia, contrabaixista, solista. Da OSTM: o spalla, Francisco Corujo e Raphael Jannibelli, violoncelista, solista.

Além dos solistas listados, fizeram parte da fundação da OSN mais 18 instrumentistas de cordas oriundos da OSTM (8) e OSB (10).

Não é possível afirmar, porém, acredita-se que a grande maioria dos músicos citados até aqui, referenciados pela experiência e posição de destaque ocupada no cenário da música de concerto de então, foram dispensados das provas de seleção.

Concluindo a análise da origem e *status*<sup>31</sup> das cordas da primeira formação da OSN, em termos quantitativos, percebe-se que a base era, de fato, composta pelos músicos oriundos da RN (48%), seguidos pelos músicos da OSTM (34%) e OSB (30,7%). Por outro lado, somados os percentuais das duas principais orquestras cariocas, pode-se dizer que a maioria da OSN provinha da combinação dos quadros da OSTM e OSB (64,7%). E 21% atuavam simultaneamente na OSRN e OSTM ou OSB<sup>32</sup>.

Deve-se destacar que os spallas da OSTM e OSB eram violinistas da OSN. Assim como os solistas das violas, violoncelos e contrabaixos dessas orquestras. Os violoncelos contavam ainda com os concertinos de ambas.

Em termos numéricos, quase 30% dos músicos da OSN exerciam funções de solistas nas demais orquestras.

Quanto à música de câmara, tanto o Trio da RN quanto o Trio da RMEC tinham representantes na OSN, além da metade do Quarteto de Cordas da RMEC.

Portanto, observando os músicos que compunham a primeira formação da orquestra nota-se que, em sua maioria, eram pré-dotados das qualidades fundamentais para realizarem suas funções com êxito. Além de talento e competência técnica, possuíam larga experiência orquestral. Ou seja, tinham “uma disposição estável para se operar numa determinada direção (...) um *habitus* que enfatiza a dimensão de um aprendizado passado<sup>33</sup>”. Adota-se aqui a noção de *habitus* definida por Bourdieu como:

sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas

<sup>30</sup> Por serem instrumentos tecnicamente muito próximos, ainda hoje é comum que o músico inicie seus estudos pelo violino e, mais tarde, faça a opção pela viola. Alguns músicos se mantêm atuando profissionalmente com os dois instrumentos, como no caso do Jeremias Waschitz, violista na OSN e violinista na OSB.

<sup>31</sup> *Status* será entendido como a posição de destaque ocupada pelos músicos no campo da produção erudita, seja pelas atividades camerísticas ou pelos cargos de solistas que ocupam nas orquestras.

<sup>32</sup> A OSB e a OSTM ensaiavam pela manhã, enquanto a OSRN ensaiava à tarde, assim como faria a OSN.

<sup>33</sup> Ortiz, 1983, p. 14.



a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro<sup>34</sup>.

Dessa forma, o detalhamento da composição da maior parte da OSN – a família das cordas – confirma a propaganda positiva realizada por Murilo Miranda em outubro de 1961, que definia a OSN como “mais do que um novo conjunto sinfônico, (...) um testemunho de trabalho profícuo das várias orquestras sinfônicas do país<sup>35</sup> (...)”. Ou seja, uma verdadeira catalisadora dos melhores profissionais existentes no campo da música de concerto carioca. Sabe-se que uma orquestra sinfônica é um organismo bastante complexo dependente de uma estrutura sólida para funcionar adequadamente. Quando destinada a representar seu país, através da difusão de sua música, deveria ser composta por músicos qualificados por seu virtuosismo e experiências acumuladas, no intuito de alcançar os melhores resultados possíveis. Profissionais detentores de um conhecimento previamente adquirido que, no caso específico da OSN, está presente em todos os níveis da sua estrutura: desde o corpo orquestral até a direção artística. Em suma, uma verdadeira seleção nacional.

## Referências

- AZEVEDO, Cláudia. A Rádio MEC como centro difusor da música de concerto no Brasil. *Brasiliiana* – Revista da Academia Brasileira de Música, Rio de Janeiro, ano 2, n. 5, maio, p. 2-13, 2000.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOCCHINO, Alceo. Entrevista realizada por Cláudia Azevedo, na Escola de Música da UFRJ. Rio de Janeiro, 18 set. 1998. 1 fita cassete (50 min).
- DE PAOLA, Andrely Quintella & GONSALEZ, Helenita Bueno. *Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro: História & Arquitetura*. Rio de Janeiro: UFRJ, SR5, 1998.
- FRANÇA, Eurico Nogueira. Eleazar de Carvalho em ‘tourné’. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1961. 2º caderno, p.3. Acervo de microfilmes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

<sup>34</sup> Bourdieu, apud Ortiz, 1983, p. 15.

<sup>35</sup> Miranda, 1961, p. 3.

- \_\_\_\_\_. Nova Orquestra: A Sinfônica Nacional. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22 jan. 1961. 2º caderno, p.3. Acervo de microfilmes da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.
- KRIEGER, Edino. Entrevista realizada por Renato Rocha (Sociedade dos amigos ouvintes da Rádio MEC). Rio de Janeiro, 2003. Disponível em <<http://www.soarmec.com.br/edino.htm>> Acesso em: 02 abr. 2012.
- \_\_\_\_\_. Entrevista realizada pelo autor, na residência do entrevistado. Rio de Janeiro, 13 mai. 2011. Arquivo digital (98 min).
- MARIZ, Vasco. *História da Música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MILANEZ, Liana (Org.). *Rádio MEC: Herança de um sonho*. Rio de Janeiro: ACERP, 2007.
- MIRANDA, Murilo. *A Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio Ministério da Educação e Cultura*. Notas de programa de *Nona Sinfonia* de Beethoven, 19 de outubro de 1961. Rio de Janeiro: Ginásio Gilberto Cardoso.
- ORTIZ, Renato (Org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- PINHEIRO, Cláudia (Coord.). *A Rádio Nacional: alguns dos momentos que contribuíram para o sucesso da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SANTORO, Sandrino. Entrevista realizada pelo autor na residência do entrevistado. Rio de Janeiro, 5 mai. 2011. Arquivo digital (49 min).